

Homenagem a Carlos Rodrigues Brandão (14/04/1940 – 11/07/2023)

Apaixonado por trilhas, travessias, peregrinações, cachoeiras e montanhas, partiu hoje para uma viagem maior o professor Carlos Rodrigues Brandão. Todos que pudemos conviver com o professor Brandão, como alunos e colegas de profissão, testemunhamos uma vida vivida como professor e pesquisador sempre de uma maneira muito intensa e partilhada. Antropólogo e educador incansável, o professor Carlos R. Brandão disse em entrevista “vivo o melhor de minha vida no campo, entre meus alunos e alunas, vivendo cursos, oficinas e aulas dentro de situações de “estar lá” vivendo, convivendo, vivenciando”. No livro *O vôo da arara azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental* (Campinas, Editora Autores Associados, 2007), em seu segundo capítulo “Entre sanhaços, saguis e sabiás”, o professor narra o que ele chama de “minha biografia natural” - as suas primeiras vivências de menino no “mundo da natureza” como vocação de vida entre trilhas, cachoeiras e montanhas, que anos mais tarde o levaram ao “mundo rural”, entre sítios e sitiantes, pessoas, famílias e pequenas comunidades camponesas, em suas pesquisas antropológicas.

Sua trajetória acadêmica começa em 1961, quando iniciou a sua formação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, momento em que começa a atuar na educação popular, paixão que nunca o abandonou. Antes mesmo de se formar em Filosofia, ingressa no curso de Psicologia Social, que cumpre nos primeiros anos paralelamente à Filosofia. Em 1963 entra no Movimento de Educação de Base e com a experiência dos movimentos de cultura popular, convivendo com pessoas e situações entre o Nordeste e o Centro-Oeste, aproximase do mundo rural e também dos “estudos de cultura”, que mais tarde vão se transformar de maneira fértil em um vigoroso campo de investigação do nascente pesquisador-antropólogo.

Em 1966 interrompe o último ano do curso de psicologia e vai para o México, pois a Ação Popular, na qual atuava, havia caído na clandestinidade. No México vai para o Centro de estudos e formação de educadores da UNESCO, o CREFAL – Centro Regional de Alfabetização para a América Latina, em Pátzcuaro, estudar alfabetização, educação de adultos e trabalhos comunitários, com bolsa da UNESCO obtida pelo MEB. De volta, inicia a sua carreira de professor na Universidade de Brasília, UnB, em 1967, quando ele ainda nem era mestre. O professor Brandão gostava de lembrar da sua primeira aula ao redor de um círculo e sob a sombra de uma árvore do campus da Universidade de Brasília.

O “tempo do antropólogo”, como Brandão dizia, começa a partir do Mestrado em Antropologia na UnB, realizado entre 1972 e 1974. Desde o começo, o antropólogo recém-surgido vai se dedicar com preferência a cenários e vida rurais, que se repartem entre o estudo do mundo camponês e o interesse sempre presente pelas culturas populares: a religião, as festas e os seus rituais. Boa parte da pesquisa neste campo incide sobre ritos de camponeses e negros. O livro *Peões, pretos e congos* (Ed. UnB, 1977) resulta da sua dissertação, orientada por Roberto Cardoso de Oliveira. Em 1972 implanta-se a “carreira do magistério superior”, cria-se o “tempo integral e dedicação exclusiva” e o professor Carlos Rodrigues Brandão se incorpora a ele, como professor-pesquisador na Universidade Federal de Goiás. São deste tempo os livros: *Plantar, colher e comer* (Rio de Janeiro, Graal, 1981) e *Campesinato goiano* (Ed. UFG, 1986). Em outra direção, da vertente da cultura popular resultam trabalhos como *O Divino, o Santo e a Senhora*; (Ed. Cia de Defesa

do Folclore Brasileiro, 1978); *Cavalcadas de Pirenópolis* (Ed. Gráfica Ipiranga, 1979); *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural* (Ed. Brasiliense, 1986); *A festa do santo preto* (Ed, UFG, 1985). Por esta ocasião, ganha prêmios de folclore; quatro prêmios seguidos, dois em São Paulo, outro em Goiânia, o outro no Rio de Janeiro. São concursos nacionais de monografias de folclore e cultura popular.

Em 1976 ingressa como professor na UNICAMP, onde permaneceu a vida toda, pois mesmo depois da aposentadoria continuou como professor colaborador. Naquele tempo, cursava o seu doutorado em Sociologia na USP sob a orientação de José de Souza Martins, e em 1980 defende a sua tese que resulta no livro *Os Deuses do Povo: um estudo sobre religião popular* (Ed. Brasiliense, 1980, em sua 3ª. Edição pela EDUFU, 2007). Desde os primeiros trabalhos, o professor Brandão procura demonstrar como na “cotidianidade camponesa mais ancestral”, assim como em uma dança de congos de negros de uma cidadezinha goiana ou mineira, existem raízes e subsistem embriões de resistência cultural que merecem muita atenção.

Carlos Rodrigues Brandão também realizou pesquisas na Galícia nos anos de 1990, quando esteve vinculado à Faculdade de Filosofia da Universidade de Santiago de Compostela. Foram quase dez meses de pesquisa na aldeia de Santa María de Ons, que resultaram em vários livros, dentre eles *Aldeas: escritos e Imaxes da Galicia Tradicional* (Editorial Toxo-Outos, Concello de Brión, 2003), com fotos e crônicas antropológicas, e *O caminho da estrela: escritos da Galicia e do Caminho de Santiago* (Ed. PUC Goiás, 2010), um livro com poemas em prosa.

Nos anos 1990, com a participação de muitos alunos, da graduação ao doutorado, realiza o projeto: *Homem, Saber e Natureza (HOSANA)*, do qual resulta o livro *O afeto da terra*, publicado pela Ed. da Unicamp, e que há anos está esgotado. Também nos anos de 1990 fazendo interagir o cotidiano camponês, a cultura popular e a dimensão ambiental, desenvolve o projeto “Sentimento do mundo”, evocando o título de um poema de Carlos Drummond de Andrade. Este projeto o retira de cenários de São Paulo e Sul de Minas, entre a Serra do Mar e a Mantiqueira, e o leva ao cerrado e ao sertão mineiros. Nos anos 2000, coordenou dois outros projetos de pesquisa nos sertões do Norte de Minas sobre cultura popular e patrimônio cultural no Alto Médio São Francisco. E ainda no Norte mineiro, quando professor na Universidade Estadual de Montes Claros, coordenou o projeto coletivo de pesquisas OPARÁ – comunidades tradicionais do rio São Francisco e dos sertões do Norte de Minas Gerais e o projeto Etnocartografias do rio São Francisco.

Foram cinco décadas de pesquisas, cobrindo Goiás, Minas, São Paulo e a Galícia, dezenas de livros publicados e mais dezenas de estudantes e pesquisadores formados. Além dos seus escritos em Antropologia e Educação, publicou muita poesia. É um legado imenso! Escritos inspirados e inspiradores sobre a vida que se faz em muitos tempos e lugares, um saber generoso do qual necessitamos muito.

Obrigada, Professor Brandão!

Emília Pietrafesa de Godoi